

Introdução

Há uma dupla operação do intelecto, como diz o Filósofo no III De anima [6: 430a 26]. Uma é a compreensão de objetos simples, isto é, a operação pela qual o intelecto apreende apenas a essência de uma coisa sozinha; a outra é a operação de compor e dividir. Há também uma terceira operação, a de raciocinar, pela qual a razão procede do que é conhecido para a investigação de coisas que são desconhecidas. A primeira dessas operações está ordenada à segunda, pois não pode haver composição e divisão a menos que as coisas já tenham sido apreendidas simplesmente. A segunda, por sua vez, está ordenada à terceira, pois claramente devemos proceder de alguma verdade conhecida à qual o intelecto assente para ter certeza sobre algo ainda não conhecido.

2. Como a lógica é chamada ciência racional, ela deve dirigir sua consideração às coisas que pertencem às três operações da razão que mencionamos. Assim, Aristóteles trata daquelas pertencentes à primeira operação do intelecto, isto é, aquelas concebidas pelo entendimento simples, no livro *Praedicamentorum*; daquelas pertencentes à segunda operação, isto é, a enunciação afirmativa e negativa, no livro *Perihermeneias*; daquelas pertencentes à terceira operação, no livro *Prior* e nos livros seguintes, nos quais ele trata do silogismo absolutamente, dos diferentes tipos de silogismo e das espécies de argumentação pelas quais a razão procede de uma coisa para outra. E como as três operações da razão estão ordenadas entre si, assim também estão os livros: os *Praedicamenta* ao *Perihermeneias* e o *Perihermeneias* aos *Priora* e aos livros seguintes.

3. Aquele que agora examinamos é denominado *Perihermeneias*, isto é, *Sobre a Interpretação*. Interpretação, segundo Boécio, é "som vocal significativo — seja complexo ou incompleto — que significa algo por si mesmo". Conjunções, então, e preposições e outras palavras desse tipo não são chamadas de interpretações, pois não significam nada por si mesmas. Nem os sons que significam naturalmente, mas não por propósito ou em conexão com uma imagem mental de significar algo — como os sons dos animais brutos — podem ser chamados de interpretações, pois aquele que interpreta pretende explicar algo. Portanto, apenas nomes e verbos e o discurso são chamados de interpretações, e destes Aristóteles trata neste livro.

O nome e o verbo, no entanto, parecem ser princípios de interpretação em vez de interpretações, pois quem interpreta parece explicar algo como verdadeiro ou falso. Portanto, apenas o discurso enunciativo no qual a verdade ou falsidade é encontrada é chamado de interpretação. Outros tipos de discurso, como optativos e imperativos, estão ordenados antes a expressar a volição do que a interpretar o que está no intelecto. Este livro, então, intitula-se *Sobre a Interpretação*, isto é, *Sobre o Discurso Enunciativo* no qual a verdade ou falsidade é encontrada. O nome e o verbo são tratados apenas na medida em que são partes da enunciação; pois é próprio de uma ciência tratar tanto as partes do seu sujeito quanto as suas propriedades.

Está claro, então, a qual parte da filosofia este livro pertence, qual é a sua necessidade e qual é o seu lugar entre os livros de lógica.

Revision #2

Created 19 September 2026 23:21:19 by Admin

Updated 20 September 2026 11:47:35 by Admin